

Parque do Núcleo se

Bandeirante

ade

CORREIO BRAZILIENSE

transforma em ruínas

FOTC

Quando em 1983 a Administração Regional do Núcleo Bandeirante começou a construção do primeiro parque Recreativo Desportivo da cidade a população achou que a sua carência de lazer estava prestes a se acabar. O sonho, no entanto, virou um pesadelo. Depois de seis anos de construção e sucessivos problemas com empresas empreiteiras as obras foram paralisadas devido a uma ação judicial impetrada pela Conservege — Construção e Conservação contra o GDF, alegando defasagem no valor do contrato, o que colocou a área “sub judice”. Apesar de terem sido gastos mais de Cr\$ 75 milhões — valor da época — com as várias etapas da obra, o parque foi lançado ao abandono, sofreu depredações, furtos e é hoje um complexo de lazer em ruínas.

Localizado numa área de 43 mil metros quadrados, à beira do Córrego Vicente Pires, o parque é um local agradável para o lazer. Em meio a mangueiras, goiabeiras e enormes eucaliptos, ainda pode-se ouvir o canto de sabiás e bem-te-vis, num clima bucólico só quebrado, no entanto, com as cenas de destruição do patrimônio recreativo. “Cada vez que passo pelo local me sinto ultrajado, mas não posso tomar nenhuma atitude”, justifica o administrador do Núcleo Bandeirante, Glauco Alves Lacerda, com seis meses de gestão, ao ser indagado

sobre a falta de vigilância e preservação do parque. “É uma herança que recebi”, diz.

A primeira etapa da obra foi iniciada há sete anos, durante a administração de Eustáquio José Ferreira Santos, com a construção de duas quadras esportivas, uma pista de bicicross, uma pista de skate (bowl), 15 churrasqueiras com choupanas e um campo de futebol, além de ter sido cercada toda a área. Nesta fase foram gastos mais de Cr\$ 10 milhões e 200 mil. As quadras polivalentes estão hoje tomadas pelo mato, com parte dos alambrados destruídos. Da pista de bicicross existem apenas vestígios e a pista de skate virou um buraco que se deteriora a cada dia. O espaço das churrasqueiras é um matagal e o campo de futebol serve de pasto par algumas vacas que circulam por lá.

Para as obras de complementação dos equipamentos do Parque e instalação de brinquedos galvanizados foi dispendido o montante de quase Cr\$ 27 milhões em 1984. Depois de três anos foi contratada a Construtora Copacabana, pelo valor de Cr\$ 7 milhões de 800 mil, para a construção do prédio sede, da guarita e do conjunto aquático, formado por três piscinas. A empresa faliu e as obras foram entregues sem serem concluídas. As piscinas, uma semi-olímpica, uma infantil-juvenil e outra infantil, são agora

grandes buracos cimentados cheios de entulho.

Por todos os lados em que se olha dentro do parque existem os sinais de destruição causada pelo longo tempo em abandono e pelas depredações. A sede da administração, um prédio com três salas, banheiros, todo em tijolo aparente e portas e janelas em ferro, não tem um vidro inteiro. As portas foram forçadas, as maçanetas roubadas e até telhas já foram furtadas. Os dois vestiários, um feminino e outro masculino, foram transformados em banheiro público e abrigo para ratos e baratas. “Se a administração não tomar alguma providência, além de ficarmos sem a área para o lazer, não vai sobrar um tijolo sobre o outro”, adverte o morador do NB, Otávio Moreira, de 17 anos e que reclama a falta de lazer na cidade.

Conforme os moradores da região do Núcleo Bandeirante, que já tem hoje 60 mil pessoas, a carência de lazer nas proximidades se constitui num dos maiores problemas. O NB tem apenas um clube, o Grêmio Esportivo Brasileiro, mas que só recebe os associados. “Nós precisamos sair daqui e ir de ônibus até o Parque da Cidade, lá no Plano Piloto para ter direito a um banho de piscina”, diz Wander Pereira de Souza, pai de cinco filhos entre dez e 18 anos, que segundo ele, sonham com o dia em que o parque comece a funcionar.